

A COLECÇÃO DE VASOS GREGOS  
DO MUSEU DE HISTÓRIA NATURAL DA FACULDADE  
DE CIÊNCIAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO\*

MARIA HELENA DA ROCHA PEREIRA  
(Universidade de Coimbra)

RUI MORAIS  
(Universidade do Minho)

**Abstract:** After a brief survey of the story of the acquisition of a collection of Greek vases and other antiques by the University of Oporto in 1927, in exchange for the Assyrian material from excavations in Mesopotamia conducted by the German archaeologist Walter Andrae, which had been apprehended in the harbour of Lisbon during the First World War, a catalogue with a description and photos of every item is provided.

The conclusion is that the collection, which is presently housed in the Museum of Natural History of the Oporto Faculty of Sciences, although consisting only of twelve vases, has been carefully chosen by the Berlin Museums in order to illustrate different shapes and most of the main styles known at that time, such as Mycenaean, Boeotian, Corinthian, Attic black figure, Attic red figure, Lucanian, Apulian, Campanian and Gnathia technique.

**Keywords:** Greek vases, shapes, styles.

---

\* Os estudos sobre cerâmica grega em língua portuguesa são pouco numerosos, pelo que nos pareceu mais adequado seguir a norma já adoptada em trabalhos anteriores; proceder à simples transliteração das designações das diversas formas

## História da Colecção

A colecção de vasos gregos que nos propomos estudar faz parte de um conjunto de antiguidades que actualmente se guarda na Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, após uma complicada história, que procuraremos reconstituir nas suas linhas gerais, tendo presente, no entanto, que ela se enquadra num todo em que figuram, além de uma pequena escultura de terracota, objectos pertencentes à Civilização Egípcia e artefactos da Melanésia. Estes últimos, ao serem expostos, em 1988, no Museu de Etnologia, no Instituto de Investigação Tropical, foram tema de uma publicação com o título *Artefactos Melanésios. Reflexões pós-modernistas*, na qual um dos autores, Jorge Freitas Branco, fornece importantes dados sobre o acidentado modo como esse conjunto de peças díspares entrou na posse da Universidade; outras informações derivam da comunicação que o famoso assiriólogo W. Andrae<sup>1</sup> fez à Deutsche Orient-Gesellschaft, em Berlim.

A história principia quando, no decurso da I Grande Guerra, o Governo Português manda apresiar os navios alemães que se encontravam nos nossos portos. Entre esses estava um vapor registado em Hamburgo, o *Cheruskia*, de 3245 toneladas, que trazia o produto das escavações efectuadas na Mesopotâmia por Walter Andrae (1875-1956). Essa carga foi mandada arrolar pelo Tribunal do Comércio, por ser considerada presa de guerra, e a colecção assíria ficou depositada na Alfândega de Lisboa até ao fim das hostilidades.

É essa colecção, resultante de onze anos de escavações, que, após o Tratado de Versalhes, Walter Andrae tenta reaver, em 1919, servindo-se

de vasos a partir do nominativo, embora tendo o cuidado de assinalar a tónica, nas paroxítonas e oxítonas, com o acento agudo ou circunflexo (conforme for aberta ou fechada na nossa leitura tradicional). Assim escrever-se-á *kratêr*, *lêkythos*, *lekánis*, *pelike*. Exceptuam-se desta prática os nomes de vasos que já têm tradição na nossa língua, como ânfora. A mesma norma se aplica às peças de vestuário, como *chitôn* (“túnica”), *himátion* (“manto”), *kekryphalos* (“rede para o cabelo”), *pétasos* (“chapéu”), *sakkos* (“touca”).

<sup>1</sup> Destes autores, designadamente do segundo, tomamos várias das informações que se seguem. A comunicação do Dr. Walter Andrae intitula-se expressivamente “Der Rückerwerb der Assur-Funde aus Portugal”, *Mitteilungen der Deutschen Orient-Gesellschaft zu Berlin* 65 (1927) 1-5.

da via diplomática junto do Governo Português. Das lentas e desencontradas negociações, que se arrastaram durante cerca de oito anos, salientamos os factos principais:

A uma primeira atitude, encabeçada por António Augusto Mendes Correia, professor da Faculdade de Ciências do Porto e fundador do Instituto de Antropologia da mesma Faculdade (atitude essa apoiada por grandes nomes da Arqueologia em Portugal, como Leite de Vasconcelos e Vergílio Correia), a de proceder à devolução do material à Alemanha, sem condições, em breve se opõe a decisão inversa, por parte do Reitor da mesma Universidade, Augusto Pereira Nobre, que, tornado Ministro da Instrução em 1920<sup>2</sup>, manda seguir o espólio para o Museu de Arqueologia Histórica<sup>3</sup> projectado para esse mesmo estabelecimento de ensino superior. Entretanto, recorre-se a dois conhecidos assiriólogos franceses, para que venham ao Porto avaliar a qualidade das peças<sup>4</sup>.

<sup>2</sup> Na obra citada na nota anterior, p. 64, Jorge Freitas Branco aponta a data de 1921. Porém Augusto F. Nobre não é nenhum dos cinco ministros da Instrução que se sucederam ao longo desse ano. Dos três mandatos que exerceu, dois situam-se em 1920 (26 de Junho e 30 de Novembro são os dias da tomada de posse) e o terceiro principia em 6 de Fevereiro de 1922, segundo os dados constantes de A. H. Oliveira Marques, coord., *Parlamentares e Ministros da Iª República, 1910-1926*. Lisboa, Assembleia da República e Edições Afrontamento, 2000. Ao Prof. Doutor Fernando Catroga agradecemos estas informações.

<sup>3</sup> Em artigo com o título “Museu de Arqueologia Histórica. A Colecção Assíria”, publicado em *O Porto e a sua Universidade*, Porto 1925, p. 203-213, por ocasião das comemorações do I Centenário da Faculdade de Medicina do Porto, Augusto Nobre, depois de referir o papel que desempenhou na aquisição desse conjunto de peças, acentua bem o facto de se tratar da “única colecção no seu género existente em Portugal” e descreve o tipo de objectos que a compõem (com quatro fotografias), de p. 209 a 213.

<sup>4</sup> Segundo Jorge F. Branco, op. cit., p. 65, essa diligência não teria surtido grande efeito e suscitou mesmo alguma polémica na imprensa. Porém Augusto Nobre dá os nomes dos “eminentes assiriólogos Dangin e Contenau” e transcreve a opinião por eles formulada de que “a colecção assíria, conservada no Porto, compreende numerosas peças dum alto interesse arqueológico e histórico” (“Museu de Arqueologia Histórica”, p. 213). No entanto, W. Andrae, na comunicação citada na nota 1, embora confirme esses nomes, declara que só uma pequena parte dos caixotes foi examinada e tudo o mais visto por alto (p. 2).

De qualquer modo, os quatrocentos e doze caixotes com os resultados das escavações mantiveram-se na Faculdade de Ciências, ou seja, no edifício central da Universidade do Porto, até 1925. É nesse ano que vai principiar a alterar-se a situação, quando Walter Andrae vem a Portugal, a convite do Doutor João da Providência e Costa, então leitor de Português em Berlim, para assistir à abertura do Instituto Alemão da Universidade de Coimbra. Tendo a inauguração sido antecipada, o assiriólogo não pôde estar presente a esse acto, mas aproveitou a sua vinda para estabelecer contactos em Lisboa e Porto. Nesta última cidade recebeu grande apoio do cônsul alemão, W. Stüve, e do Engenheiro Michaëlis de Vasconcellos. A sequência dos acontecimentos pudemos averiguá-la através da revista *Biblos*, da Faculdade de Letras de Coimbra, que começou a publicar-se exactamente nesse ano, o ano em que se realizou, pela primeira vez, um Curso de Férias nessa mesma Universidade, para o qual foram convidados vários professores estrangeiros<sup>5</sup>. Inaugurado em 20 de Julho, logo em 12 de Agosto pôde contar com uma conferência sobre “escavações em Babilónia e Assíria”, proferida em francês e acompanhada de projecções, pelo Dr. Walter Andrae. A respectiva notícia, que ocupa as pp. 477-479 do volume I da revista, é extraída do *Diário da Tarde* de 14 do mesmo mês e, segundo nota da redacção, teria sido redigida pelo Professor Vergílio Correia, conjectura essa que a leitura do texto fundamenta. Vale a pena transcrever parte do início dessa notícia, pelo que revela do interesse despertado entre nós pela obra do especialista alemão:

“A conferência foi interessantíssima. Estava presente um desses pioneiros da grande arqueologia, essa mestra da História que dia a dia lhe alarga e esclarece mais o campo. E a todos aqueles a quem o destino da carga assíria do Cheruskia apaixonara, a exposição do Professor germânico vinha trazer o precioso ensinamento literário e gráfico que integrava o conteúdo das caixas apressadas num determinado ciclo de trabalhos”.

E não menos significativo é o final do mesmo texto, quando o conferente, depois de referir as maldições que constavam das estelas reais assírias

<sup>5</sup> O anúncio dessa iniciativa foi feito por Oliveira Guimarães, em sessão extraordinária de 23 de Outubro de 1924. Cf. Manuel Augusto Rodrigues, *Memoria Professorum Universitatis Conimbrigensis*, vol. II, Coimbra 1992, p. 85, que refere já, entre os convidados, Walter Andrae.

contra quem as destruísse, confessava com alguma ironia que receava estarem todos a ser atingidos por uma ameaça semelhante – “maneira graciosa”, conclui o Professor português, “de veladamente aludir à injustificada prisão que sofreu e sofre ainda a carga assíria do Cheruskia, em Portugal”.

Voltando à notícia de Jorge F. Branco, nela podemos ler (p. 65) que Walter Andrae conseguiu nessa altura obter da Universidade do Porto “a eventual devolução de parte da colecção em troca de materiais dos museus de Berlim, pertencentes aos *Staatliche Museen Preussischer Kulturbesitz*”. Elaborada a respectiva lista pela parte alemã, a resposta positiva do lado português é recebida quase um ano depois (Junho de 1926), mas todo o processo é retardado pela sucessão de titulares na pasta da Instrução. E assim, se E. A. Voretzsch, ministro plenipotenciário da Alemanha em Lisboa, lograra contactar o novo ministro, o qual decidira restituir a colecção assíria sem condições<sup>6</sup>, de novo se alterou a situação com a nomeação de outro ministro<sup>7</sup>, que designa uma comissão para estudar o assunto<sup>8</sup>. Só em Julho do mesmo ano é decidida a entrega dos quatrocentos e doze grandes caixotes aos alemães, que, por sua vez, fazem chegar a compensação prometida ao governo português, em Janeiro de 1927, para ser entregue à Universidade do Porto.

É nessa instituição que ficam guardadas as três colecções da lista atrás referida, ao cuidado da Faculdade de Letras, entretanto criada, em 1919. Extinta esta em 1928, a Universidade acaba por as entregar, em

<sup>6</sup> Jorge F. Branco, op. cit., p. 65, afirma que esse novo ministro da Instrução era professor de Coimbra. Porém entre 1 de Junho de 1926 e Julho do mesmo ano ocuparam essa pasta Armando Humberto de Gama Ochoa, Joaquim Mendes dos Remédios, Artur Ricardo Jorge (novamente dados fornecidos pelo Prof. Doutor Fernando Catroga). Deste grupo, só Mendes dos Remédios, que tomou posse do cargo em 3 de Junho de 1926 e foi substituído a 19 do mesmo mês, era professor de Coimbra.

<sup>7</sup> A decisão da entrega dos caixotes, tomada em Julho de 1926, terá sido uma iniciativa de Artur Ricardo Jorge, que foi titular da pasta da Instrução em 19 de Junho desse ano até ser substituído, a 22 de Novembro seguinte, por José Alfredo de Magalhães (mais uma vez agradecemos estes dados ao Prof. Doutor Fernando Catroga). W. Andrae escreve que a 8 de Julho partiu para Lisboa, a conselho do Embaixador alemão, mas encontrou outro governo, pelo que teve de esperar.

<sup>8</sup> Segundo W. Andrae, p. 3, foi esta comissão que aconselhou a efectivação da proposta da troca de materiais acima referida. No entanto, é ao Reitor de Coimbra, Doutor Mendes dos Remédios, que o célebre arqueólogo especialmente agradece (p. 4).

1940, ao Museu de Antropologia da Faculdade de Ciências, actualmente denominado Museu de História Natural<sup>9</sup>.

À colecção de vasos gregos que nela se encontram são dedicadas as páginas que vão seguir-se<sup>10</sup>. Poucos em número – apenas doze – a sua selecção pelos Museus de Berlim foi sem dúvida criteriosa, uma vez que cada um deles ilustra formas diversas (embora não todas) e representa os principais estilos decorativos então conhecidos: micénico, beócio, coríntio, ático de figuras negras, ático de figuras vermelhas, lucânio, apúlio, campaniense e a chamada técnica de Gnathia.

Antes de terminar estas considerações, queremos expressar o nosso reconhecimento às pessoas que tornaram possível este trabalho: ao Director do Museu de História Natural da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, Professor Doutor Jorge Eiras, pela autorização concedida para examinar e publicar as peças à sua guarda, e à conser-

<sup>9</sup> “Museu Antropológico” é a designação que lhe dá J. R. dos Santos Júnior, “Museus da Faculdade de Ciências do Porto”, *Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto* 26, 1-2, Março-Julho de 1963, p. 21-28. Nesse mesmo artigo, o então director do Instituto de Antropologia Dr. Mendes Correia e do Museu Antropológico descreve os quatro museus à data existentes na Faculdade de Ciências, ou seja, além do já mencionado, o de Zoologia Dr. Augusto Nobre, o Mineralógico e o de Botânica. A terminar o artigo, o autor defende a necessidade de agrupar os quatro museus num só “grande Museu de História Natural”.

Muitos anos depois, o livro de Cândido dos Santos, *Universidade do Porto. Raízes e Memórias da Instituição*, Porto, 1996, consagra um capítulo a “Museus. Colecções. Bibliotecas”, no qual se distinguem as três secções em que se dividia o Museu de Arqueologia e Pré-História: Portugal, Estrangeiro e Paleontologia Humana. Na secção “Estrangeiro” pormenoriza apenas as peças egípcias e depois acrescenta: “Da Grécia mostram-se cerâmicas pintadas e estatuária em terracota” (p. 361).

Segundo informação dos serviços do Museu de História Natural da Faculdade de Ciências do Porto, a designação actual data da entrada em vigor, precisamente em Março de 1996, dos novos estatutos, que, sob esse nome, reúne, entre outras, três salas: a de Arqueologia e Pré-história Mendes Correia, a de Mineralogia Montenegro de Andrade e a de Zoologia Augusto Nobre (em edifício próprio, no Campo Alegre, situa-se a secção de Botânica).

<sup>10</sup> Note-se que o Museu dispõe de um ficheiro das peças, de carácter genérico, cujo acesso teve a amabilidade de nos facultar. Apenas a cronologia aí referida se baseava num trabalho elaborado há anos pela Dr<sup>a</sup> Marina Vieira, com a finalidade de sobre ele fazer um estudo, que não consta tenha sido publicado.

vadora do mesmo Museu, Dr<sup>a</sup> Maria José Cunha, pelo acolhimento proporcionado para o efeito; e ainda à Directora do Museu de Arqueologia D. Diogo de Sousa, Dr<sup>a</sup> Maria Isabel Cunha e Silva, pela cedência do fotógrafo oficial dessa instituição bracarense, a fim de conseguir boas imagens dos vasos em estudo.

## Catálogo

### *Píxide* (Fig. 1)

Píxide micénica com três asas. Tampa desaparecida.  
Heládico tardio, c. 1400 a. C

Decoração de faixas no bojo e no bordo. Na espalda, banda em reticulado, encimada por faixas. Na base, círculos concêntricos.

Alt.: 9,1 cm. Diâm.: 13 cm.

Cf. CVA Great Britain (12). Reading 1, Pl. 1. 11. CVA Belgique (2). Bruxelles II, Pl. 2. 10. CVA Denmark (1). Copenhagen I, Pl. 46. 4.

### *Taça* (Fig. 2 a-b)

Taça beócia com quatro asas e pé alto.  
Meados do séc. VI a. C.

No exterior, decoração de duas bandas formadas por quadrados preenchidos por pontos, separadas por uma banda em reticulado. No bordo, filas verticais de zigue-zague.

Pé oco, exteriormente decorado com uma banda de triângulos reticulados separados por duas bandas acastanhadas.

No interior, círculo no fundo da taça, rodeado por dois círculos concêntricos. Rebordo com linguetas.

Alt.: 15,5 cm. Diâm.: 33,2 cm.

Cf. CVA Great Britain (12). Reading i, Pl. 15. 5.

**Alábastron** (Fig. 3 a-b)

Alábastron coríntio ovóide.  
Começos do séc. VI a. C.

No bojo, dois galos afrontados. Entre eles, e junto à base, decoração de rosetas.

Linguetas no colo, no bocal e na base do vaso.  
Mau estado de conservação.

Alt.: 9,8 cm. Diâm.: 4,9 cm.

Cf. CVA France (21). Louvre XIII, Pl. 77.2-3. CVA Deutschland (13). Mannheim 1, Pl. 6.6-9. CVA United States of America (1). Hoppin and Gallatin Collections, Pl. 2. 8.

**Arýballos** (Fig. 4 a-b)

Arýballos coríntio globular.  
Coríntio tardio, 2º quartel do séc. VI a. C.

No bojo, três guerreiros com lanças, capacetes e escudos redondos caminham para a direita. Em baixo e em cima, a cena é limitada por três linhas paralelas.

Linguetas na espalda. Pontos no rebordo. Círculos concêntricos no bocal e na base do vaso.

Alt.: 6,2 cm. Diâm.: 5,5 cm.

Cf. CVA Great Britain (6). Cambridge I, Pl. 9. CVA Deutschland (10). Heidelberg 1, Pl. 12. 12; CVA Deutschland (25). Frankfurt am Main I, Pl. 15. 10-12.

**Lêkythos** (Fig. 5 a-b)

Lêkythos-de-espalda ática de figuras negras, do Grupo do Corredor Gordo. 520-510 a. C.

Um atleta corre para a esquerda. De um lado e de outro observam-no dois jovens em pé, vestidos com um manto. O da direita segura uma lança. Da parede, junto ao jovem da esquerda, pende uma peça de roupa.

Na espalda, elemento vegetal trifoliar, ladeado por quatro pontos ornamentais; uma folha de hera de cada lado.

Vermelho adicional no cabelo, nas tiras pendentes das mãos dos jovens, na faixa inferior da cena e no colo.

Negro no rebordo, na asa, na parte inferior do bojo e na base do vaso.

Pertence ao Grupo do Corredor Gordo, que Beazley distingue de outro muito próximo, o do Grupo do Vaticano G. 52, e que ele caracteriza como “decorado com a figura de um atleta a correr para a esquerda, entre dois jovens observadores vestidos. O corredor tem coxas muito grandes” (ABV, p. 459). Seguidamente, o mesmo Professor enumera 11 lêkythoi com este motivo, a que junta mais 5 em *Paralipomena*, p. 201-202. Nestas últimas é referida a lêkythos da Coleção Palmela, que figura em Rocha-Pereira, GVP, p. 48 e Pl. XV.

Alt.: 14,2 cm. Diâm.: 6 cm.

Cf. Beazley, ABV, p. 459. Beazley, *Paralipomena*, p. 201-202. Haspels, ABL, I, p. 16. Rocha-Pereira, GVP, p. 48 e Pl. XV, 1-2.

**Lêkythos** (Fig. 6 a-b)

Lêkythos ática de figuras negras, de tipo chaminé. Da oficina do Pintor de Beldam.

c. 470 a. C.

À esquerda, figura de deusa (?) a subir para uma quadriga e a segurar as rédeas. À frente dos cavalos, à direita, segue Hermes, com pétasos e botas aladas, certamente levando o caduceu, que já não é visível. Por trás dos cavalos, e voltados um para o outro, uma figura feminina, que poderá ser Atena, embora os seus atributos não sejam visíveis, e um jovem.

Na espalda, decoração de raios e pontos. Acima da cena, pontos e círculos. Por baixo da mesma, círculos também, embora todas essas linhas não se apresentem como perfeitamente concêntricas. São as chamadas linhas de incisão a húmido, feitas numa segunda fase da decoração, cujo desenho é característico da oficina do Pintor de Beldam, e que Haspels (I, p. 171) descreve assim: “Muitas vezes não conseguiu fazer com que o começo e o fim se encontrassem (...), pelo que, em vez de três círculos, temos um “caracol” com três voltas a enroscar-se à volta do vaso”.

Incisões a branco no dorso e patas dos cavalos, nas rédeas, no carro, nos diademas e pregas dos mantos.

Alt.: 16 cm. Diâm.: 4,6 cm.

Cf. CVA France (20). Laon i, Pl. 18. 8-10. Beazley, *ABV*, p. 586-587. Haspels, *ABL*, I, p. 171; II, Pl. 38.2a-2b. Rocha-Pereira, *GVP*, p. 51-52 e Pl. XVIII, 1.3.

### *Taça de Tipo B* (Fig. 7 a-b)

Taça ática de figuras vermelhas. Atribuível ao Pintor do Tonel.  
c. 500 a. C.

Jovem com uma clâmide, que segura com ambas as mãos, a correr para a direita, mas com a cabeça voltada para a esquerda. Pernas de perfil, olhos a três quartos. A cena é delimitada por um círculo. Do lado esquerdo, simulação de letras.

Exterior coberto de verniz negro.

Reconstituída a partir de diversos fragmentos.

Alt.: 6,9 cm. Diâm.: 26 cm.

Cf. CVA France (36). Nantes, Pl. 23. 5-6, atribuído ao Pintor do Tonel. Sobre este pintor, vide Beazley, *ARV* I. 139, que classifica a sua obra como "extremamente rudimentar" e refere, *ibidem*, p. 142, que há muitas outras taças grosseiras, decoradas só no interior, "estritamente aparentadas com as do Pintor do Tonel, e algumas delas provavelmente feitas na mesma oficina". No entanto, para Rui Morais, outras semelhanças, designadamente no traçado dos membros inferiores, fazem lembrar o círculo do Pintor de Épicteto, sobre o qual vide Beazley, *ARV* I. 70-80, e CVA Deutschland (DDR 3). Berlin I, Pl. 116.

### *Taça* (Fig. 8 a-b)

Taça ática sem pé, com decoração estampada.  
c. 450-440 a. C.

No fundo da taça, decoração estampada, formada por cinco palmetas em relevo.

Exterior recoberto de verniz negro.

Sobre o uso do verniz negro brilhante pelos oleiros áticos, vide Sparkes, *Greek Pottery. An Introduction*, Manchester 1991, p. 103-104.

Alt.: 5,7 cm. Diâm.: 24,5 cm.

Cf. CVA Great Britain (12). Reading I, Pl. 35. 8-10.

### *Skyphos* (Fig. 9 a-c)

Skyphos lucânio de figuras vermelhas pelo Pintor de Creúsa.  
c. 370 a. C.

A. Mulher com peplos segura na mão direita uma taça com frutos. Usa colar, brincos e duas pulseiras em cada mão. Branco nos frutos e nas jóias.

B. Jovem a correr para a esquerda. Usa apenas um manto enrolado no braço esquerdo.

Sob as asas, rica decoração de palmetas e elementos florais.

Diversas características de estilo apontam para o Pintor de Creúsa, tal como o definiu Trendall: as numerosas pregas do peplos, apertadas em volta da cintura e, abaixo desta, uma dupla tira vertical até aos pés; um caracol de cabelo a cair junto da orelha visível; o modo de desenhar o manto do jovem, enrolado no braço esquerdo e a cair, ocultando a mão. Deste Pintor conhecem-se mais de 130 vasos.

Alt.: 16,6 cm. Diâm.: 29,2 cm.

Cf. Trendall, *LCS*, vol. I, 83-95. Trendall, 1989, 56. Trendall, 1978, 53-74.

### *Lekanis* (Fig. 10 a-b)

Lekanis apúlia de figuras vermelhas.  
Segunda metade do séc. IV a. C.

A. Mulher sentada, vestida com peplos e manto que recai sobre o ombro esquerdo, e com sakkos na cabeça. Segura na direita uma phiale com frutos.

B. Eros efeminado, nu, com sakkos na cabeça, sentado num rochedo, com as pernas estendidas. Na mão direita segura uma phiale com frutos.

Entre ambas as figuras, decoração de palmetas.

Na tampa, decoração de raios delimitada por um círculo. A toda a volta do rebordo da tampa, decoração ondulada.

De um e outro lado das asas, folhas de louro no anverso e raios no reverso.

Branco nos frutos e no rochedo.

Tanto a cena do anverso como a do reverso e seu enquadramento por palmetas em leque são muito frequentes nas lekanides do apúlio tardio. A própria forma do vaso está largamente representada e a figura de Eros efeminado também.

Alt.: 18,7 cm. Diâm.: 30 cm.

Cf. Trendall and Cambitoglou, *RV Ap*, vol. II, Trendall, 1989.

### *Epíchysis* (Fig. 11 a-b)

Epíchysis apúlia de figuras vermelhas.

Segunda metade do séc. IV a.C.

Mulher sentada, vestida com peplos, segura uma phiale com frutos na mão esquerda e uma grinalda no braço direito estendido. Usa um kekryphalos e um diadema, um colar e duas pulseiras em cada braço. Na frente da figura, espaço livre preenchido por uma roseta com pontos.

De cada lado da asa, uma palmeta. Na base da boca da epíchysis, decoração de linguetas. A toda a volta do bordo, óvulos e pontos. No tambor, grinalda com decoração de folhas de hera.

Branco no diadema e nas jóias, nos frutos, palmetas e óvulos e na decoração da grinalda com folhas de hera.

Alt.: 12,7 cm. Diâm.: 10,2 cm.

### *Taça* (Fig. 12 a-b)

Taça de tipo Gnathia.

c. 330 a. C.

A. Sob o rebordo, duas faixas delimitadas por duas linhas concêntricas, decoradas, a primeira com óvulos e a segunda com óvulos alon-

gados. No bojo, decoração de três elementos florais pendentes, entre os quais figuram cachos de uvas.

B. Entre as asas, linha dupla decorada, por cima e por baixo, com folhas de hera.

Espaço reservado entre a taça e o pé. Asas arqueadas. Uso de branco e vermelho e de desenhos pintados directamente sobre o verniz negro do vaso, conforme é próprio da chamada técnica de Gnathia, a qual aparece sobretudo como variante do Apúlio, mas também dos outros estilos da Itália do Sul.

Alt.: 6,3 cm. Diâm.: 15,3 cm.

Cf. CVA Deutschland (16). Adolphseck II, Pl. 91. 1-2. CVA Deutschland (23). Heidelberg II, Pl. 87. 1-2.

Abreviaturas

- Beazley *ABV* *Attic Black-figure Vase-painters* (Oxford 1956).
- Beazley *ARV* *Attic Red-figure Vase-painters* (Oxford 2<sup>nd</sup> ed. 1963) 3 vols.
- Beazley *Paralipomena* *Paralipomena. Additions to Attic Black-figure Vase-painters and to Attic Red-figure Vase-painters* (Oxford 1971).
- CVA *Corpus Vasorum Antiquorum*. Union Académique Internationale.
- Haspels *ABL* *Attic Black-figured Lekythoi* (Paris 1936).
- Rocha-Pereira *GVP* *Greek Vases in Portugal* (Coimbra 1962).
- Trendall *LCS* *The red-figured Vases of Lucania, Campania and Sicily* (Oxford 1967) 2 vols.
- Trendall "Some vases connected with the Creusa and Dolon Painters", *Quaderni ticinesi di numismatica e antichità classiche* (Lugano, 1978).
- Trendall and Cambitoglou *RV Ap* *The red-figured Vases of Apulia* (Vol. I, Oxford 1978; Vol. II, Oxford 1982).
- Trendall *RVP* *The red-figured Vases of Paestum* (British School at Rome 1987).
- Trendall *Red-figured Vases of Italy and Sicily* (London, 1989).



Fig. 1





Fig. 2 a

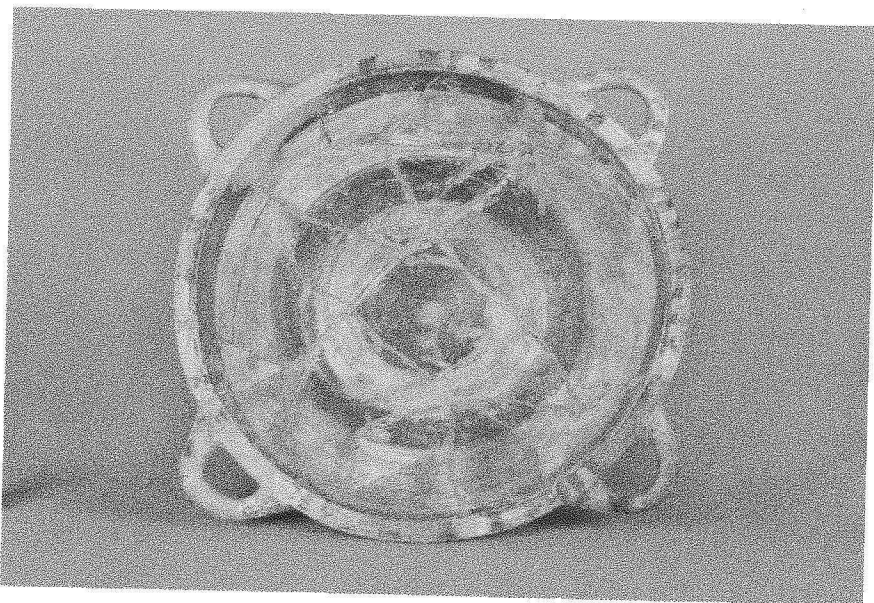


Fig. 2 b

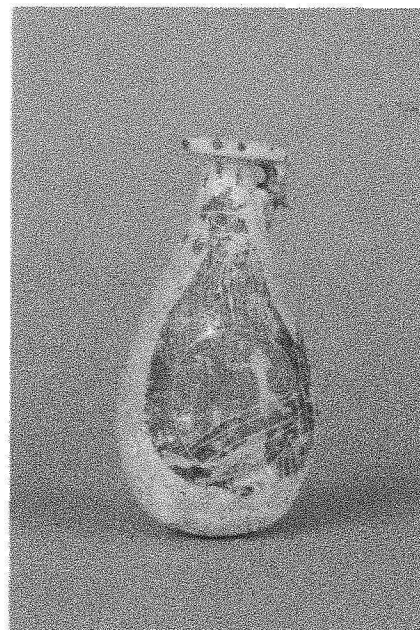


Fig. 3 a



Fig. 3 b

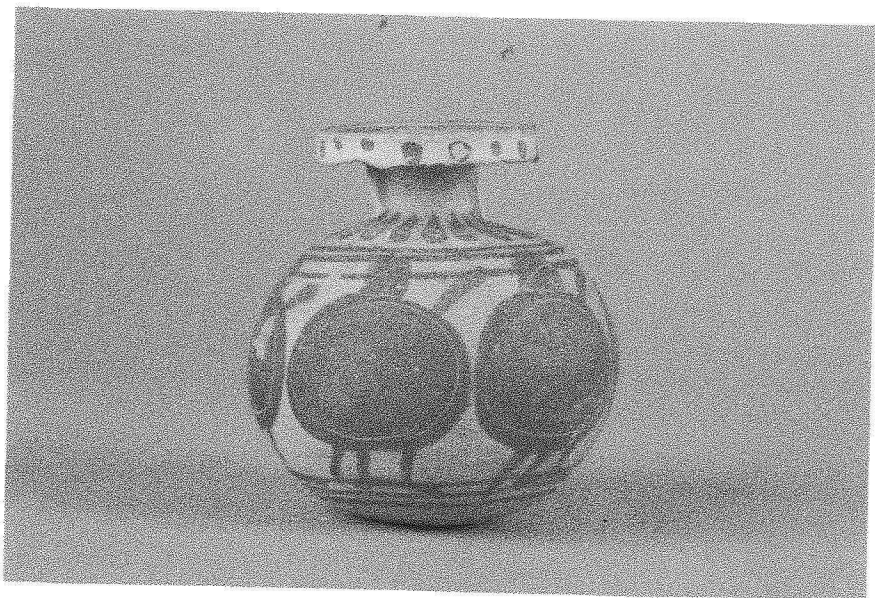


Fig. 4 a



Fig. 4 b

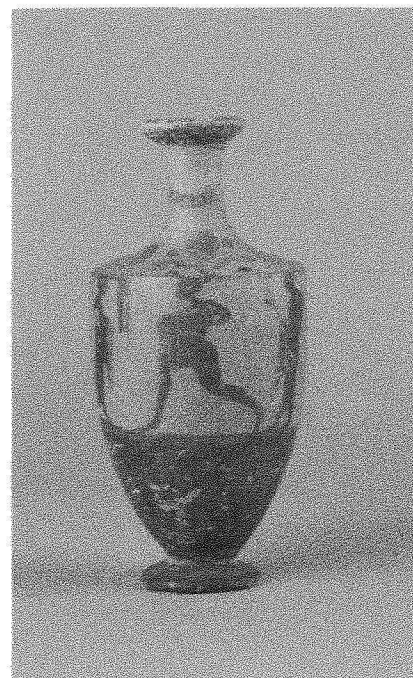


Fig. 5 a

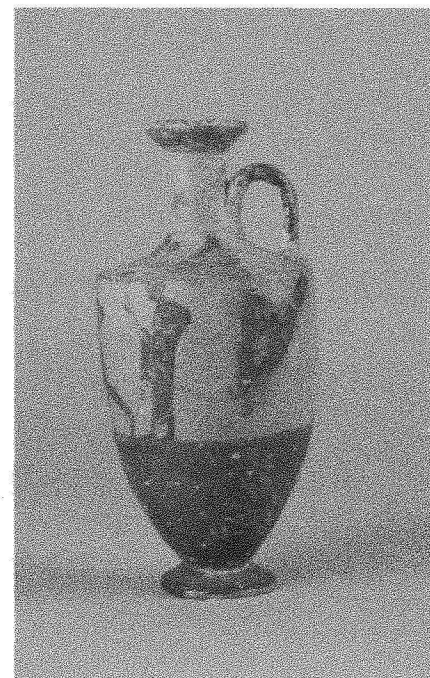


Fig. 5 b



Fig. 6 a

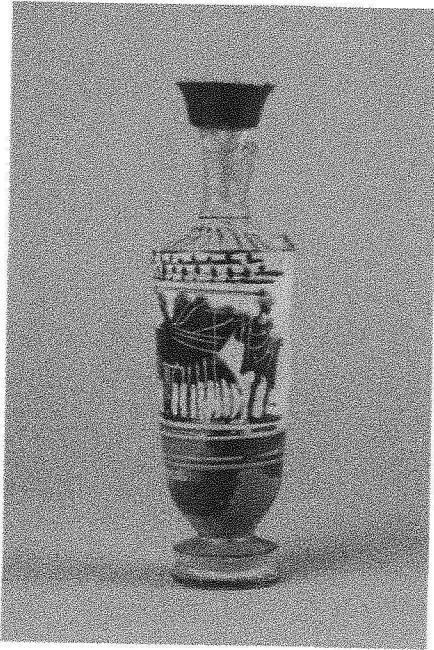


Fig. 6 b



Fig. 7 a

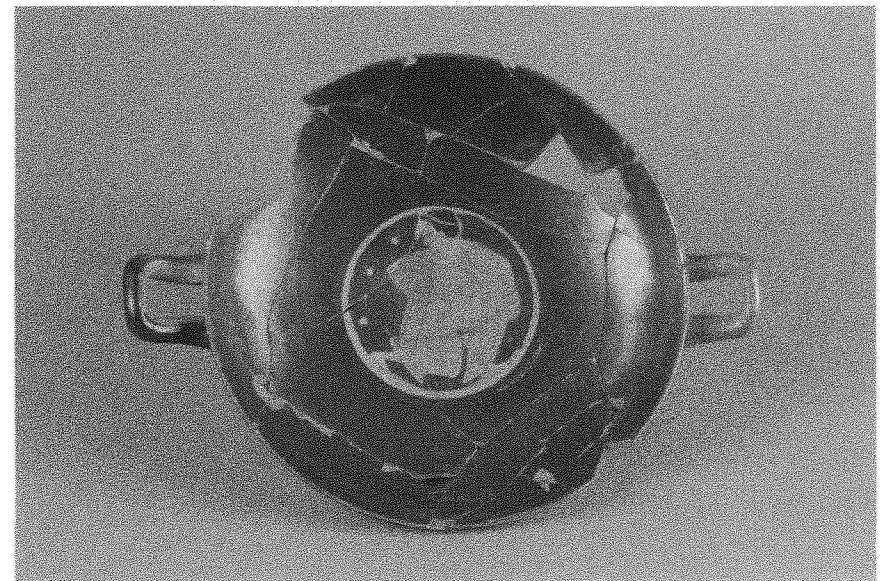


Fig. 7 b



Fig. 8 a



Fig. 8 b

Fig. 9 a

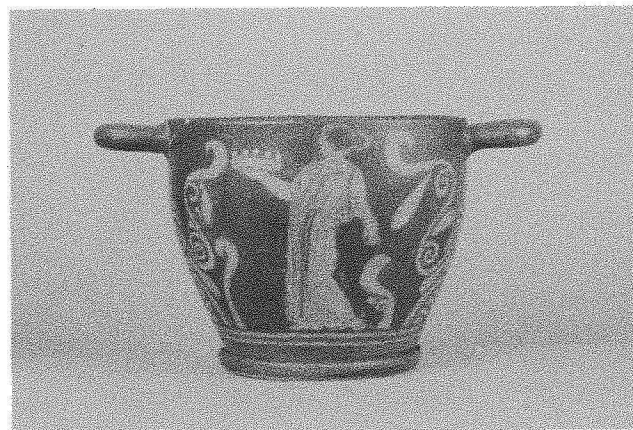


Fig. 9 b

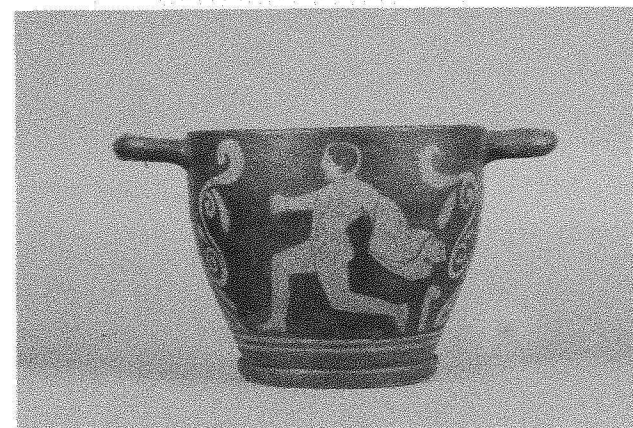


Fig. 9 c

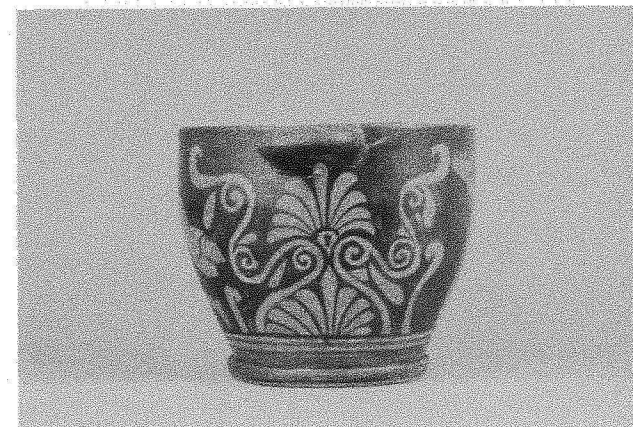




Fig. 10 a



Fig. 10 b



Fig. 11 a



Fig. 11 b



Fig. 12 a



Fig. 12 b